



A PARÁBOLA DO SEMEADOR: QUESTÕES DE GÊNERO NA OBRA DISTÓPICA DE OCTAVIA BUTLER

The Parable of the Sower: gender issues in the dystopic work of Octavia Butler

Gabriele Valim Vargas¹

<https://orcid.org/0000-0002-5431-7420> 

Eduardo Marks de Marques¹

<https://orcid.org/0000-0002-3067-7237> 

¹Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. 96010-610 – ppgl.ufpel@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca investigar no romance distópico *A parábola do sementeiro*, da autora afro-americana Octavia Butler, questões concernentes ao gênero observadas no livro, ou seja, ponderações acerca do espaço que o estudo de gênero encontra na literatura. Vale destacar que esse foi o primeiro livro da duologia *Semente da Terra*, tendo sua primeira publicação em 1993, embora tenha começado a ser traduzido no Brasil muitos anos depois. Dessa maneira, por meio da exposição de trechos selecionados na obra supracitada, serão abordados, também, estudos acerca da desigualdade de gênero. Portanto, discorreremos, aqui, sobre os seguintes assuntos: as diferentes visões dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres na sociedade e relações de poder e domínio do primeiro para com o segundo, bem como reflexões sobre as masculinidades, protagonismo feminino e violência de gênero. Para isso, serão considerados os conceitos propostos por autores como Butler (2003), Oliveira (1998), Gomes (2016), entre outros pesquisadores que tratam dos estudos de gênero na literatura.

Palavras-chave: *A Parábola do Sementeiro*; Estudos de gênero; Literatura.

Abstract: This article seeks to investigate in the dystopian novel *The Parable of the Sower*, by the African-American author Octavia Butler, questions concerning gender observed in the book, that is, considerations about the space that the study of gender finds in the literature. It is noteworthy that this was the first book of the *Earthseed* duology, having its first publication in 1993, although it began to be translated in Brazil many years later. In this way, through the exposition of selected excerpts in the aforementioned work, studies on gender inequality will also be seen. Therefore, we will discuss, here, on the following subjects: the different visions of the roles to be played by men and women in society and power and dominance relationships between the first and the second, as well as reflections on masculinities, female protagonism and gender violence. For this, the concepts proposed by authors such as Butler (2003), Oliveira (1998), Gomes (2016), among other researchers who deal with gender studies in the literature, will be considered.

Keywords: *The Parable of the Sower*; Gender studies; Literature.

Introdução

As distopias, especialmente enquanto obras ficcionais modernas, vêm tendo um importante papel nas discussões concernentes às questões sociais. Sendo elas escritas

de forma atemporal, refletem, na maioria das vezes, um futuro aparentemente real e possível se comparado à atualidade. Ao mesmo tempo, retratam sobre organizações sociais problemáticas, consequência do modo de vida adotado pelos indivíduos na contemporaneidade.

O romance distópico *A parábola do semeador* trata exatamente disso. Sendo o primeiro livro da duologia *Semente da Terra* e escrito pela afro-americana Octavia Butler, teve sua primeira publicação em 1993, embora tenha começado a ser traduzido no Brasil muitos anos depois. Tal obra tem como enredo os acontecimentos e conflitos que se passam entre 2025 e 2027, narrados pela jovem protagonista Lauren Oya Olamina, inicialmente, moradora de um bairro aparentemente seguro e murado, situado em Robledo, Califórnia. Lauren narra, então, sobre sua trajetória e o caos social em que ela, sua família e amigos se encontravam, citando desde mudanças climáticas, até a crise política e econômica que levou os Estados Unidos ao cenário em que Olamina presenciava: corrupção em instituições essenciais e que deveriam servir gratuitamente à população, mudanças climáticas, estupros, assassinatos, roubos e pedofilia impunes, ou seja, uma “terra sem lei”. Esses problemas mencionados, se pensados paralelamente à atual situação mundial, não aparentam tão distantes. Sabe-se que pouco a pouco, por razão das atividades e escolhas da humanidade, a realidade apresentada no livro pode ser a mesma desta ou das próximas gerações.

Num primeiro momento, faz-se necessário atentar-se ao protagonismo feminino atribuído na obra a uma adolescente negra. Tendo o pensamento progressista, a jovem propõe, em meio a narração, mesmo que implicitamente, reflexões a respeito de temas como racismo, religião, questões de gênero, ética, descaso público, saúde precária, miséria, desemprego, restrito acesso à educação, violência e criminalidade, bem como desigualdades sociais. Assim, se torna importante apontar que, neste artigo, entre outros propósitos a serem mencionados posteriormente, serão privilegiadas ponderações acerca do espaço que o estudo de gênero encontra na literatura.

Dessa maneira, objetiva-se com este trabalho apresentar considerações referentes às questões de gênero na obra supracitada, por meio de estudos literários que abordam a relação entre gênero e literatura. Dito isso, serão expostos fragmentos do livro de Octavia Butler, observando, primordialmente, a maneira como eram abordados e dispostos na obra. Além disso, sabendo uma das funções da pesquisa científica, qual seja a de ser relevante e, de certa forma, proporcionar reflexões acerca das problemáticas sociais. Nesse sentido, a razão da escolha por esta investigação justifica-se pelo reconhecimento condizente à relevância de abordar assuntos como as questões de gênero na literatura, principalmente, nas obras distópicas.

Por conseguinte, uma breve explanação referente aos estudos sobre gênero e literatura será exposta. Depois, o tópico denominado como “Análise e discussões”, será dedicado inteiramente à análise da obra supracitada, discorrendo sobre de que maneira as questões relacionadas à desigualdade de gênero – pensando, especialmente, sobre as

diferentes visões dos papéis a serem representados na sociedade correspondentes aos homens e mulheres, tal como as relações de poder e domínio do primeiro comparado ao segundo –, bem como as reflexões a respeito das masculinidades e a violência de gênero são versadas no livro.

Gênero e Literatura

Ao aprofundar-se sobre o termo gênero, entende-se que, inicialmente, era estudado e pensado a partir das teorias feministas, ou seja, era unicamente associado às mulheres. Entretanto, com o passar do tempo, mais pesquisas foram sendo realizadas, o que possibilitou maior visibilidade ao tema, bem como o reconhecimento de que não é uma construção aplicada somente a um ou a outro sexo, mas envolve diversas relações sociais; sendo a literatura, também responsável por tal feito.

É possível afirmar que os estudos de gênero na literatura possuem uma determinada importância, já que:

[...] encontram [...] espaço para se desenvolverem e fornecerem à sociedade oportunidades para repensar rótulos, ampliar conhecimentos, quebrando crenças limitantes pré-estabelecidas. Ressignificam o potencial infinito do humano sob o capitalismo patriarcal, contribuindo para uma perspectiva de união, estabelecendo redes de conhecimento e afeto. Afinal, em muitos sentidos, a literatura nos afeta (NIGRO, 2019, p. 1).

Sabendo, então, que uma das finalidades da literatura e, possivelmente uma das mais relevantes, é realizar e propor reflexões críticas sociais por meio da arte, pensa-se, aqui, nas relações de gênero que muito vêm sendo discutidas e examinadas com o passar dos anos. Dito isso, torna-se necessário apresentar a definição de gênero considerada por Ana Maria Colling e Losandro Antônio Tedeschi (2019, p. 238): “um instrumento de análise que possibilita reconhecer o caráter social das construções dos papéis sexuais, ou seja, a possibilidade de sua desconstrução e reconstrução de maneira mais igualitária”.

Enquanto isso, Judith Butler (2003, p. 48) estabelece que o “gênero mostra ser performativo [...] no interior do discurso constituinte da identidade que supostamente é”. Com base na autora, o “corpo não é uma materialidade idêntica a si própria ou meramente fáctica: é uma materialidade que, no mínimo, traduz significado” (BUTLER, J., 2011, p. 72)¹, ou seja, o corpo é visto por ela como a manifestação de possibilidades. Para mais, Butler ainda descreve o corpo, na perspectiva de estudo sobre o gênero, como “uma situação histórica, tal como afirmou Beauvoir, e [...] uma maneira de representar [...] e reproduzir uma situação histórica” (BUTLER, J., 2011, p. 73), sendo assim, o gênero é “constituído no tempo”, bem como pela “estilização do corpo” (BUTLER, J., 2011, p. 70). Ainda, a filósofa apresenta que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões”

¹ Tendo este artigo duas autoras com o sobrenome "BUTLER", usamos "J." para Judith e "O" para Octavia.

tidas como seus resultados” (BUTLER, J., 2003, p. 48). Dessa forma, ao criar o conceito de performatividade para gênero, Butler afirma que:

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, J., 2003, p.154-156).

Portanto, estima-se que a identidade de gênero é construída pela repetição de atos que são vistos por ela como performáticos, e como explica Maria Irene Delbone Haddad e Rogério Delbone Haddad (2017, p. 2), o “gênero é formado por esta estilização do corpo, isto é, você teatraliza, por meio de gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação”. Dessa maneira, percebemos que Judith Butler não reconhece o gênero como algo normativo, impassível de mutações, no entanto, pensa-o como um conjunto de atributos flexíveis.

Logo, essa concepção de gênero realizada por Butler legitima a ideia já explanada acima, de que o gênero não é passível de somente uma definição fixa e constante, seja pelo período histórico ou contexto social, levando em conta, a título de exemplo, as diferenças culturais existentes quanto às construções de relações de gênero ao redor do mundo. Atribuir normas e uma só realidade a ele, seria como negar as outras existentes, diferente do que Butler intenciona, que é propor um estudo de gênero que considere válida e original a forma de ser de cada sujeito (HADDAD; HADDAD, 2017). Pensa-se, então, que determinar um modo de viver e ser para cada indivíduo, seria o mesmo que destituir qualquer ser humano de seguir e expressar sua própria identidade, ideia contrária do que é proposto quanto à liberdade de gênero.

Outro aspecto interessante a destacar é a importância que deve ser atribuída aos estudos desse tema, posto que, ao pôr em pauta tal assunto, favorece no combate da discriminação e na quebra de relações de poder que hierarquizam e inferiorizam as mulheres e pessoas de orientações sexuais diversas (COLLING; TEDESCHI, 2015). A igualdade entre os sexos, por exemplo, é um direito básico, e como citado por Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012, p. 575), “discutir gênero é se situar em um espaço de lutas marcado por interesses múltiplos”.

Ainda, vale ressaltar que esse tema merece destaque em estudos investigativos “porque a literatura é um forte instrumento tanto de formação da identidade dos sujeitos, como de direcionamento das relações em uma sociedade” (LORD, 2018, p. 129). Sendo assim, entende-se que discorrer sobre questões relativas ao gênero, é o mesmo que, de certa forma, demonstrar a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, tendo como princípio o reconhecimento de diferentes gêneros e a desnaturalização da diminuição das mulheres perante os homens.

Sendo, então, um tema discutido de relevância social, parece um tanto quanto considerável fomentá-lo em diversas áreas, priorizando, aqui, a relevância da presença de tal assunto, mesmo que indiretamente e não tão explicitamente, em obras literárias. Segundo Claudia Nigro (2019, p. 1), “a literatura permite que todos os corpos exponham seus saberes, suas formas e seus gozos”. À vista disso, compreende-se que é necessário pensar os estudos de gênero na literatura, bem como tem sido feito nesta pesquisa.

Portanto, pensa-se desse modo, uma vez que a partir da literatura é possível refletir sobre os dogmas que a sociedade impõe. Visto isso, ao assumir formas de crítica à realidade social, pensando aqui nas questões de gênero versadas na obra literária e distópica de Octavia Butler, essa modalidade artística pode vir a auxiliar no processo de transformação social, isto é, numa possível mudança de posicionamento social por parte dos leitores e leitoras.

Análise e Discussões

A partir de *A parábola do semeador*, é possível pensar sobre diversos fatores sociais, já que, por intermédio da leitura do livro em formato de um diário escrito por Lauren Olamina, tem-se contato com uma história não tão distante deste período, assim como acontecimentos que acabam se assemelhando aos atuais. Desse modo, ao debruçar-se sobre esse livro e dedicar-se a lê-lo de maneira mais atenta e minuciosa, é possível se deparar com reflexões que visam, de certo modo, promover maior atenção às problematizações sociais, abrangendo as que fazem referência às questões de gênero.

Dentre diversos pontos (todos cruciais) percebidos no romance de Butler, a crítica alusiva às noções de gênero postas no romance, mesmo que não diretamente, dão oportunidade para indagações sobre esse tema, dando ênfase às discussões em torno das masculinidades, tal como da forma como a sociedade atribui diferentes funções e perspectivas para homens e mulheres. Nesse sentido, é preciso pôr em relevo, primeiramente, a história de Lauren Olamina e a relação dela com o seu pai, ministro batista.

Ao conhecer Olamina, completando 15 anos de idade, o leitor depara-se com uma moça formada de um pensamento revolucionário e um tanto quanto distante dos demais moradores da sua comunidade. Essa divergência de ideologia também se aplica ao seu pai, por quem foi criada em conjunto com sua madrasta, pelo fato de ter perdido sua mãe logo após o parto. Já nos primeiros capítulos, nota-se que a condição da adolescente é a de querer agradar e submeter-se às crenças do pai, visto que, mesmo se considerando covarde por acatar aos desejos do seu pai, mantendo os seus inibidos, ainda assim, permite-se ser batizada na igreja, contudo tendo a certeza de que o Deus dele, não seja o mesmo dela (BUTLER, O., 2018, p. 9).

Essa relação de patriarca acima da filha mostra uma suposta superioridade existente, posto que o homem, provedor do lar, deve ter seus interesses priorizados e, inclusive, a filha, como mulher, se vê no dever de colocar os planos do seu pai, como

homem e provisor, em primeiro lugar, isto é, acima dos seus próprios desejos. Além disso, essa imposição referente à religião é esmiuçada por Waglânia de Mendonça Faustino e Freitas et al. (2009, p. 89):

[...] a preocupação com a educação cristã [...] tem suporte na idéia de moralidade e de dever do cristianismo, de forma que “a virtude é a obrigação de cumprir o que é ordenado pela lei divina”. [...] a educação religiosa configura-se como espelho que deve refletir os valores que vêm sendo reproduzidos de pai para filho desde o século XII, quando a Igreja Católica intervinha firmemente na educação dos filhos e na moral da família. Passados nove séculos, o filho permanece como “repositório divino”, cujo pai é o responsável por manter esse processo educativo.

Com base nesse fundamento, passamos a entender um dos ideais tradicionais de masculinidade, pois o filho, neste caso, a filha, possui o dever de seguir suas crenças religiosas, uma vez que essa é uma das funções paternas, principalmente, como cristãos: passar os princípios bíblicos aos seus descendentes. Tendo isso em vista, cabe frisar que na Bíblia Sagrada há vários versículos ressaltando esse “poder” do homem sobre sua mulher e sua casa, sendo um deles: “Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor porque o marido é o cabeça da esposa, assim como Cristo é o cabeça da Igreja, que é o seu Corpo, do qual Ele é o Salvador” (BÍBLIA, EF. 5: 22-23). Logo, levando em conta esses preceitos bíblicos recém mencionados, os quais recomendam submissão por parte das mulheres aos homens, compreende-se que essa é uma das razões pelas quais o pai de Lauren determina as decisões de cunho religioso por ela e a própria jovem opta por não contestar.

A Bíblia Sagrada, como livro religioso que começou a ser escrito há cerca de 4 mil anos, contribui de diversas maneiras para o machismo, padronizando as funções de homens e mulheres na sociedade. Destaca-se que a bíblia é:

para aqueles que creem, verdadeira. Todas as histórias que contém na mesma, segundo os que creem, são histórias que de fato aconteceram. Se a bíblia relata história que de fato aconteceram seria errôneo esperar que ela não relatasse histórias machistas, visto que essas ocorreram em épocas em que a cultura era exaustiva e predominantemente de cunho masculino (COELHO et al., 2019, p. 287).

Sabe-se que a religião é uma das principais responsáveis por essa superiorização dos homens na sociedade. Isso é percebido pelos escritos da própria Bíblia que, grande parte das vezes, são cegamente seguidos pelos fiéis, já que, tomando-a como verdade única e universal, reproduzem o ideal de relação entre os gêneros que tanto se vem tentando desconstruir desde há muito tempo.

Dando continuidade às percepções concernentes ao vínculo e ao modo de tratamento entre Olamina e seu genitor, destaca-se a declaração da filha sobre a síndrome que possui, consequência de sua mãe ter usado drogas durante sua gestação: “Não posso fazer nada sobre minha hiperempatia, independentemente do que meu pai

penhe, queira ou deseje” (BUTLER, O., 2018, p. 13). Logo, observa-se que ao eleger como correto manter a privacidade quanto aos assuntos de sua família (BUTLER, O., 2018, p. 13), ele também se mostra mais preocupado com a sua imagem e com as opiniões alheias. Isso se dá justamente por se sentir envergonhado no que concerne a essa condição de Lauren e as circunstâncias que culminaram nesse problema.

Segundo Clara Maria Holanda Silveira e Maria do Socorro Ferreira Osterne (2014, p. 8), o “complexo simbólico honra-vergonha caracteriza os valores organizadores” da sociedade e, estruturalmente, o núcleo da identidade masculina, que fundamentado na noção de honra, é ameaçado pela conduta moral do sexo feminino. À vista disso, deduz-se que esse sentimento de vergonha do pai de Olamina citado no livro, deve-se ao considerar desonrosos e imorais, tanto a hiperempatia da filha como a história do seu primeiro casamento. Conclui-se esse pensamento, ao levar em conta o fato de que ambos os motivos do constrangimento desse homem foram ocasionados pela conduta e pelo que ele acredita ser uma fraqueza das mulheres.

No decorrer da leitura, temos acesso, além dos pensamentos sobre a definição de masculinidade impostas pela sociedade, à ideia de que o gênero feminino é inferior ao masculino, seja pela concepção de força, sagacidade ou o pensamento de incapacidade de uma mulher realizar algo. Após Aura Moss, jovem que também fazia parte da comunidade em que Lauren vivia, ter ido praticar tiro ao alvo com ela e os demais e, ainda, ter decidido ter sido sua última tentativa, já que teve uma experiência traumática, a jovem Olamina intencionou convencê-la do contrário. Ao ter recebido uma resposta diversa ao que acreditava, posto que Aura a afirmou desistir pelo fato de que mulheres não deveriam mexer com armas, a protagonista se mostrou incomodada, mas não apenas com a vizinha, como também com o pai dela:

Ele as trata como escravas em suas hortas, na criação de coelhos e nos serviços de casa, mas deixa fingirem ser “mocinhas” quando se trata de algum esforço comunitário. Se elas não querem fazer a sua parte, sempre as apoia. Isso é perigoso e burro. É terreno fértil para o ressentimento. Nenhuma mulher da família Moss participou das rondas de vigia. Não fui a única pessoa a perceber isso (BUTLER, O., 2018, p. 76).

Com isso, é nítida a noção de inferioridade e crença de que as mulheres são o sexo frágil, ponto de vista não apenas dos homens, mas das próprias mulheres, vítimas do patriarcado. Elas acabam por reproduzir e propagar um discurso que as oprime e isso legitima a ideia de que se encontram em uma posição de vítimas de um sistema patriarcal e, portanto, acabam validando políticas que vão contra os seus próprios interesses. Fundamentando-se em Valdinei Arboleya, acordamos que:

O patriarcado, enquanto discurso e forma de organização social, legou à humanidade o entendimento de que há regras que definem um estereótipo ideal, segundo o qual atitudes contestadoras, desafiadoras e guerreiras não seriam moralmente aceitas para mulheres, o que acentua tanto as desigualdades das relações de gênero, quanto a ideia de uma mulher

passiva cuja função é amar “a seus filhos, a seu esposo, a sua casa (ARBOLEYA, 2021, p. 39).

Pautando-se nessa perspectiva, apreendemos que, assim como a família Moss, a sociedade como um todo tem a visão da mulher como incapaz de realizar atividades e serviços que, na maioria das vezes, são efetuados por homens. Essa destinação de práticas de acordo com o gênero acaba sendo um impasse maior para as mulheres, pois na medida que os homens gozam da vantagem de desempenhar todas as funções, as mulheres são delimitadas a cumprir apenas as ocupações que a elas são delegadas. Infelizmente, apesar das inúmeras mudanças que ocorreram na sociedade, esse é um pensamento naturalizado, que de forma sutil, foi abordado no livro, por meio da descrição do ideal de atividades que seriam melhor empregadas por homens ou mulheres, apresentado pela personagem Aura Moss, como supracitado nesta pesquisa.

Keith, meio irmão de Lauren Olamina, também evidenciava a sua assimilação sobre como deveriam ser tratados ele e sua irmã. Por não possuir a idade necessária para juntar-se aos outros e praticar tiro ao alvo, ele considerava imensamente injusto o fato de sua irmã ter a permissão em detrimento dele, sendo assim, em diversas situações, manifestava seus descontentamentos: “Não é justo. [...] A Lauren é menina e você deixa ela ir. Sempre deixa ela fazer as coisas. Eu poderia aprender a ajudar na proteção de vocês e afastar os ladrões” (BUTLER, O., 2018, p. 77), ou quando cometeu um erro que decepcionou ao seu pai: “Sou um homem! Não deveria estar escondido dentro de casa, escondido atrás do muro. Sou um homem” (BUTLER, O., 2018, p. 79).

Essa insistência de Keith em afirmar todo o tempo a sua masculinidade e contestar a confiança delegada a sua irmã, demonstra a ideia de superioridade que homens acreditam ter sobre as mulheres. Pedro Paulo de Oliveira (1998, p. 109) afirma que a masculinidade se torna muito mais importante para aqueles que não têm outro meio de conquistar poder em outras esferas da vida social; assim sendo, resta-lhes o poder dentro das relações de gênero.

Logo, conclui-se que Keith não estava encontrando formas de provar a todos que era capaz de portar uma arma, defender sua família, bem como de sair como os outros para praticar. Desse modo, o irmão optou por fazer uso de sua masculinidade, com o intuito de tentar atestar ao seu pai de que ele, como homem, deveria ter mais direitos que sua irmã, mesmo ela sendo mais velha e mais madura, ou seja, o jovem gostaria de ter privilégios; o que realmente é visto acontecer no decorrer da leitura, mas como esperado, não resultou em boas consequências.

Dando seguimento à análise, chegamos no clímax da história, o trágico episódio já premeditado por Lauren, a queda da comunidade em que ela, sua família e vizinhos viviam. Vale ressaltar que a narradora se empenhou em alertar a todos e, inclusive, já havia pensado e se preparado para tal ocorrido, entretanto, absolutamente ninguém a dava ouvidos, eventualmente pelo fato de ser tão jovem e mulher, tal como pela comodidade em que todos naquela comunidade se encontravam, onde tinham o mínimo



para viver bem e a crença de que isso jamais mudaria. No entanto, após o incidente, ela necessitava prosseguir, alternativa que por ser mulher, negra e solitária, se tornava perigosa.

Isso a levou a mudar e optar por viajar vestida de maneira vista como masculina pela sociedade, para que assim, tivesse mais chances de sobreviver àquele mundo caótico em que as circunstâncias a levaram. Além das vestimentas, Lauren também alterou seu modo de falar, se portar e inclusive o corte de cabelo, o que nos leva a refletir sobre o quanto o homem é capaz de respeitar a outro homem, diferente do que acontece se for outra mulher. A necessidade que a protagonista sentiu em mudar, demonstra de forma bastante nítida isso, pois ela precisava manter as aparências para que não viesse a ser roubada, destrutada, estuprada e/ou assassinada.

Nesse contexto, também cabe salientar o fato de que mesmo que Lauren tenha modificado seu corpo e suas atitudes, isso não altera toda a sua trajetória identitária, ou seja, ela não se renuncia uma mulher cis, simplesmente por essas alterações externas. Essa tese é comprovada no momento que Olamina afirma não se sentir confortável com a necessidade de agir e vestir-se assim: “Ainda era estranho ser tratada por ‘homem’ ou ‘cara’. Eu não gostava, mas não importava.” (BUTLER, O., 2018, p. 177). Nessa perspectiva, vê-se que o gênero:

[...] não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos (BUTLER, J., 2011, p. 87).

Assim sendo, infere-se a partir de tal explanação, o não reconhecimento da protagonista por outro gênero contrário ao cisgênero, posto que em nenhum momento da narrativa, ela se mostra satisfeita com a sua nova performance. No entanto, admitia ser preciso conformar-se com sua nova forma, para que o grupo de sobreviventes formado, inicialmente, por ela, Harry Balter (um jovem com um ingênuo pensamento sobre o mundo) e Zahra Moss (ex- pessoa em situação de rua) fosse fortalecido, ao menos, aos olhos dos demais. Todavia, essa transformação não foi facilmente aceita por Harry, que em diversas ocasiões, expressava sua indignação com provocações machistas como: “Você fala como um machão, mesmo.” (BUTLER, O., 2018, p. 157).

Essa visão de Harry, direcionada a alguns posicionamentos marcantes e resistentes de Lauren – como o de vestir-se “como homem” e se colocar em uma posição de liderança, inclusive, quando a personagem afirma: “Se formos uma boa matilha e trabalharmos unidos, teremos uma chance” (BUTLER, O., 2018, p. 157) ou “Aqui fora, o truque é evitar confronto aparentando força” (BUTLER, O., 2018, p. 192) –, demonstra a percepção da sociedade no que se refere às posições que devem ser tomadas por homens e mulheres. Para o jovem, o fato de Olamina se colocar à frente de decisões e se

manifestar sem temer, mesmo em meio a situações perigosas, é uma atitude de “machão”. Tendo isso em mente, percebe-se que:

[...] nestes estereótipos forjava-se uma imagem masculina associada à autonomia, autoconfiança, liderança, agressividade, força, aventura, arrogância, poder de decisão, capacidade de domínio, assertividade, rusticidade, orientação para realização etc.. Já as mulheres tinham associadas às suas imagens capacidades sentimentais, emotivas, compreensivas, docilidade, dependência e submissão, além de estarem orientadas para a maternidade (OLIVEIRA, 1998, p. 103).

Dito isso, interpreta-se que a ideia de Harry referente ao poder de decisão e à capacidade de domínio, por exemplo, é a de que este deveria ser atribuído aos machões e não a uma mulher como Lauren. Esses valores culturais naturalizados na sociedade, enfatizam as desigualdades de gênero, impedindo as mulheres de serem quem realmente querem ser, assim como agirem da forma que melhor as definem, independente do que é socialmente aceito.

Voltando ao momento da narrativa em que Lauren e Zahra Moss têm a sua primeira conversa fora dos muros de Robledo, conhecemos a história de Zahra:

Zahra contava como Richard Moss a havia comprado de sua mãe sem teto quando ela tinha apenas quinze anos – mais jovem do que eu pensei – e a levou para morar na primeira casa que ela conhecera. Ele dava o suficiente para comer e não a agredia, e mesmo quando as outras esposas, suas companheiras, a tratavam mal, era mil vezes melhor do que viver do lado de fora com a mãe e passar fome (BUTLER, O., 2018, p. 144).

Partindo do relato da jovem Moss, é possível relacionar com a vivência de inúmeras mulheres que se veem à mercê de seus maridos, com a justificativa de que eles suprem suas necessidades básicas e financeiras. Ao afirmar aceitar o fato de que seu companheiro seja adepto da poligamia e, ainda, que suas outras mulheres a maltratem, com a intenção de manter seu lugar e aquela vida, tal posicionamento vai ao encontro ao que é defendido por Silveira e Osterne (2014, p. 12): “as mulheres ainda vivenciam um grande dilema: de um lado possuem a vontade de se emanciparem e do outro permanecem presas aos esquemas hierárquicos de gênero, que as situam como seres inferiores”.

Além de todos os trechos supracitados e questões já levantadas, há ainda o fato de que no livro, em meio a todo o caos que os cercavam, as mulheres eram desrespeitadas ao máximo e tratadas simplesmente como objetos pelos homens. Houve muitos momentos do livro com narrativas de estupro, em que mulheres eram simplesmente deixadas nuas e mortas nas ruas ou estupradas por quem deveria protegê-las, como pode-se observar durante toda a história, contada com naturalidade, a fim de demonstrar o quão frequentes eram esses acontecimentos. Um exemplo desses acontecimentos encontra-se na seguinte passagem narrada por Lauren, condizente à Tracy, uma de suas

vizinhas na comunidade:

Tinha treze quando Amy nasceu. Doze quando seu tio de 27 anos, que a vinha estuprando por anos, conseguiu engravidá-la. [...] Problema: o tio Derek era um cara grande, bonito, engraçado, inteligente e querido. Tracy era – é – comum e sem graça [...] Alguns de seus problemas podem ter surgido do fato de ter sido estuprada pelo tio Derek por anos. [...] Irracional como sempre, a mãe de Tracy culpou a menina [...] por sua própria vergonha (BUTLER, O., 2018, p. 31).

Segundo Carlos Magno Gomes (2016, p. 35), “a violência é guiada por normas culturais que reforçam as tênues fronteiras entre o masculino e o feminino, permanecendo o feminino atrelado ao submisso e ao normatizado”. Sabendo, então, que as distopias problematizam os prováveis danos futuros, caso determinadas tendências do presente vençam (HILÁRIO, 2013), deduzimos que se os homens, isto é, a sociedade, não cessar os comportamentos atuais, comportamentos esses que culpabilizam as vítimas de estupro, amparando os responsáveis por tal ato repulsivo, a realidade de um futuro não tão distante pode vir a ser essa narrada por Lauren: “Uma mulher jovem, nua e imunda passou cambaleando por nós. Observei sua expressão relapsa e percebi que ela estava atordoada, bêbada ou coisa assim. Talvez ela tivesse sido estuprada repetidamente, a ponto de enlouquecer” (BUTLER, O., 2018, p. 11).

Esse fragmento do livro expõe a violência de gênero que acontece atualmente e pode se agravar com o passar dos anos, assim como demonstrado no romance distópico de Octavia Butler (2018), visto que é “um padrão cultural que é aprendido e transmitido ao longo de gerações” (PASINATO, 2011, p. 230). Além do mais, ao violentar uma mulher, os homens procuram se justificar, transformando as vítimas em réus ou afirmando ter cometido tal ato simplesmente por ser homem. Em razão disso, a prática de estupro é considerada hedionda, entretanto:

“Apoderar-se do corpo da mulher” é o que se espera da função viril. O “não” da mulher, ou o “medo” da mulher, aparecem como constitutivos do desejo masculino. O estupro é muito mais o lugar do exercício da afirmação da identidade masculina especular, em que a subjugação do corpo da mulher reassegura sua identidade masculina e reafirma o caráter sacrificial dos corpos das mulheres. (MACHADO, 1998, p. 251).

Dessa maneira, apreende-se que o homem, ao cometer esse crime, vê a mulher e seu corpo como um objeto disponível para seu prazer e o medo demonstrado por ela faz com que esse prazer aumente. E como já destacado acima, todo e qualquer comportamento que tenha sido adotado pelo sexo feminino, é usado como justificativa para a conduta adotada por eles, pela ação de estuprar. Ainda, tendo como base Lia Zanotta Machado (1998, p. 251), conclui-se que: “A mulher só pode ser bom objeto se considerada um sujeito secundário e indireto [...] É à sexualidade masculina que cabe macular ou atribuir o caráter de imaculada a uma determinada e qualquer mulher”. Isso posto, identifica-se que, ao cometer um estupro, o homem sente sua masculinidade

aumentada, no momento que se depara com o seu ideal de superiorização diante do sexo oposto, não considerando mais a mulher como sujeito, mas, sim, um objeto em sua posse.

Por último, mas não menos importante, pensa-se ser pertinente discorrer a respeito do protagonismo feminino em *A parábola do semeador*. Lauren Olamina, diferente das personagens mulheres de muitas histórias, possui traços de uma heroína, característica que só eram e ainda são aplicadas aos personagens masculinos: homens fortes, corajosos e que possuíam como objetivo salvar a sua comunidade, o mundo ou, até mesmo, uma “mocinha” em apuros. Conforme Arboleya (2021, p. 41):

[...] à época, as discussões sobre gênero e papéis sociais não ocupavam o espaço que atualmente ocupam, aspecto que foi inserido e ampliado em romances distópicos contemporâneos [...], nos quais se observa a desconstrução da tradição romanesca das utopias e distopias clássicas, introduzindo um novo sentido de ser mulher no que se refere à submissão social, à atuação política e à capacidade de mobilização social e enfrentamento de estruturas e ordens ditadas pelo Estado totalitário.

Visto isso, verifica-se que em *A parábola do Semeador*, obra escrita por uma mulher, Lauren Oya assume uma posição de liderança, na busca por sobrevivência e proteção tanto para ela, quanto para seus amigos. Esse protagonismo garantido a ela, proporcionou uma nova visão a respeito da figura feminina na sociedade, posto que Olamina é apresentada como uma mulher forte, sagaz e consciente, capaz de quebrar paradigmas no que concerne aos estereótipos atribuídos aos gêneros, sendo esses que foram citados, normalmente, conferidos aos homens.

Além da personagem feminina como narradora no livro, destaca-se a autoria também feminina desta obra, Octavia Butler, ou seja, a importância de mulheres escreverem sobre mulheres. Citando novamente Arboleya (2021, p. 40), inferimos que a:

[...] compreensão idealizada e socialmente predeterminada da mulher como um sujeito passivo foi muito intensa nas narrativas produzidas em movimentos estéticos como o do Romantismo, por exemplo, ao longo do qual a presença masculina era reforçada não apenas do ponto de vista narrativo, como também, do ponto de vista da produção escrita, pois a autoria era um papel social majoritariamente desempenhado pelos homens, o que justificava a ausência de protagonistas femininas tanto em narrativas de aventura quanto em romances de cunho político-ideológico.

Em vista disso, reconhece-se a relevância de escritoras mulheres, essencialmente, as negras ocuparem o espaço na literatura que antes era predominantemente masculino e de autores brancos, a fim de tornar essa área menos restrita e mais igualitária. Octavia Butler, tendo sido uma autora afro-americana que escrevia sobre mulheres negras, inovou em suas obras ao inserir nesse universo literário questões relacionadas à sociedade e ao poder, por intermédio de discussões alusivas à raça e gênero, por exemplo. Dessa maneira, identifica-se uma mudança na história há muito tempo contada sob uma perspectiva eurocêntrica, posto que, diferente disso, Octávia escreve sobre mulheres



negras fortes, heroínas, inteligentes e ousadas com papéis ativos e de destaque em seus romances. Dito isso, entende-se que a presença desse e outros gêneros historicamente marginalizados na literatura, contribuem com a diversidade e representatividade.

Considerações finais

Ao passo em que obras literárias modificam esse princípio tradicional e ultrapassado no tocante às desigualdades de gênero, mulheres reais se sentem representadas e apoiadas, visto que a literatura promove a construção de saberes e visões que podem levar à mudança de posição perante a realidade. Logo, enquanto houver mulheres fortes e autônomas na literatura, essas também são reconhecidas em sua real existência.

Para mais, cabe salientar que de todos os fatores referentes ao gênero analisados e mencionados acima, o fato de ter uma protagonista mulher e negra, já é um progresso na história da literatura. Durante um longo período, a literatura foi – e ainda tem sido – organizada, escrita e protagonizada, maioritariamente, por homens e personagens (heróis) brancos. Isso evidencia a importância que essa área possui para a sociedade, posto que, enquanto a literatura muda e evolui, o mesmo ocorre com a sociedade.

Com base em tudo o que foi elaborado no decorrer deste artigo, depreende-se que manter as figuras femininas em um papel coadjuvante nas narrativas, é o mesmo que omitir a realidade, as situações concretas em que as mulheres são principais e operantes, não tomando apenas o lugar de submissão, mas de protagonismo. Sendo assim, é correto afirmar que para que a igualdade entre gêneros seja estabelecida, é necessário, além de políticas públicas, maior visibilidade das mulheres nas diferentes esferas artísticas e de atividades sociais e culturais.

Discorrer sobre questões de gênero, como realizado no presente trabalho, não é uma tarefa fácil, tampouco simplista. Como toda obra literária, *A parábola do semeador* viabiliza análises por diversas perspectivas e o estudo de inúmeros outros elementos, no entanto, ao lançar o olhar sobre esse romance, achou-se primordial atentar-se ao gênero e aos assuntos que foram abordados, concebendo aos demais, uma futura possível investigação.

Com isso, entendemos que a literatura pode abrir espaço para importantes reflexões, visto que um dos seus aparentes objetivos é o de promover mudanças. Espera-se, também, que as narrativas, essencialmente, as distópicas, continuem a revelar as possíveis consequências de um presente construído por atitudes egoístas, para que assim, o indivíduo entenda que é necessário mudar o hoje e o agora, em detrimento de esperar que as catástrofes o alcance para transformar seu olhar e suas ações.

Por fim, tendo em vista as possibilidades de discussões analisadas no romance acerca das masculinidades, violência e desigualdades de gênero, é viável reiterar que todas as reflexões e hipóteses sustentadas neste artigo, foram pensadas com o propósito de promover um olhar mais atento para essas problemáticas sociais. Nesse sentido, acredita-se que as relações desiguais de gênero podem ser prejudiciais a todos e que se

a sociedade permanecer alimentando esse sistema patriarcal, todos esses dilemas podem ser agravados. Pensa-se, em suma, que muito já foi conquistado, mas é preciso ainda mais: é preciso, além de tudo, que a sociedade respeite e reconheça a diversidade e a singularidade de cada ser.

Referências

ARBOLEYA, Valdinei José. Protagonismo feminino em distopias contemporâneas de língua inglesa: mulheres, combates e embates. Paraná, *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 2, p. 37-56, 2021.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), v. 20, p. 559-568, 2012.

BÍBLIA. Andar na luz. Efésios. Trad. de João Ferreira Almeida. In: *A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento*. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008, p. 903-904.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011, p. 69-87.

BUTLER, Octavia Estelle. *A parábola do Semeador*. Trad. de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2018.

COELHO, Ingrid Mesquita; CERDEIRA, Daniel; HONORATO, Eduardo Jorge San'Tana. Os processos religiosos judaicos: cristãos e a construção dos machismos. *REVES – Revista Relações Sociais*, v. 2, p. 281-290, 2019.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: MS: Ed. Universidade Federal de Grande Dourados, 2019.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino *et al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, p. 137-145, 2009.

GOMES, Carlos Magno. Violência de gênero e a crise da masculinidade. *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana: Gepiadde, v. 21, p. 33-48, maio/ago. 2016.

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. Judith Butler: Performatividade, Constituição de gênero e teoria feminista. In: *V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, 2017, Salvador/BA. Anais Enlaçando. Campina Grande/PB: Editora Realize, p. 1-8, 2017.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.



LORD, Lucio José Dutra. Desigualdade de gênero e literatura brasileira: um olhar a partir da Sociologia. *ENTRELACES* (UFC), v. 1, p. 128-142, 2018.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 11, p. 231-73, 1998.

NIGRO, Claudia. Literatura & Gênero I. *Olho D'Água*. São Paulo: Univ. Estadual Paulista, Fundação Editora Unesp, v. 11, n. 2, p. 123-125, 2019.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, v. 37, p. 219-246, 2011.

SILVA, Sergio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e a literatura masculinista. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Brasília – DF, v. 01, p. 118-131, 2006.

SILVEIRA, Clara Maria Holanda; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. A mulher é Eva, o homem Adão? Reflexões sobre o significado do ser homem e do ser mulher na sociedade. *Caderno Espaço Feminino* (Online), v. 27, p. 1-18, 2014.

NOTAS DE AUTORIA

Eduardo Marks de Marques (eduardo.marks@ufpel.edu.br) tem Licenciatura em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). É Mestre em Letras – Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) e tem PhD em Australian Literature and Cultural History pela University of Queensland (2007). Realizou Estágio Pós-Doutoral em Teoria Literária na Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Atualmente é Professor Associado IV na Universidade Federal de Pelotas, onde desenvolve pesquisa na área de distopias, suas manifestações contemporâneas e suas convergências com pós-humanismo e transumanismo.

Gabriele Valim Vargas (gabrielevargas7@gmail.com) é licenciada em Letras pela UFPel. Atualmente é Mestranda em Letras (Área de texto, discurso e relações sociais), pelo PPGL da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e realiza o curso de Pós-Graduação em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VARGAS, Gabriele Valim; MARQUES, Eduardo Marks de. *A Parábola do semeador*: questões de gênero na obra distópica de Octavia Butler. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-16, 2023.

Contribuição de autoria

Gabriele Valim Vargas: concepção, elaboração do manuscrito, redação.

Eduardo Marks de Marques: Orientação, discussão de resultados, revisão, redação.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.



Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 11/03/2022

Revisões requeridas em: 28/12/2022

Aprovado em: 07/02/2023

Publicado em: 17/03/2023

